Comunicação, diversão e oração:
Os espaços do art déco e o patrimônio moderno de Caruaru-PE

Aline de Figueirôa Silva

Arquiteta e Urbanista e Mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE, Professora do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP)
Pesquisadora do Laboratório da Paisagem/UFPE, Bolsista de Apoio Técnico do CNPq
Coordenadora de campo do Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados (INBMI)/IPHAN dos monumentos religiosos e museológicos de Olinda-PE
Rua José Bonifácio, 1.356/1202-B, Torre, Recife-PE, 50.710-000; 81-3227-4654/81-9122-6061
alinefigueiroa@yahoo.com.br

Comunicação, diversão e oração:
Os espaços do art déco e o patrimônio moderno de Caruaru-PE

Com 152 anos, cerca de 289.000 habitantes e distante 130 Km do Recife, Caruaru é um dos municípios mais importantes do interior de Pernambuco e do Nordeste e suas principais atividades econômicas são o comércio e os serviços. Seu crescimento econômico e territorial vem ocasionando o adensamento construtivo, a introdução de formas de moradia verticalizadas, novos programas de arquitetura e a construção de centros comerciais e empresariais. Já se torna recorrente a demolição de bons exemplares de arquitetura residencial, ao tempo em que a cidade não dispõe de nenhuma lei de preservação do patrimônio construído. O registro da Feira de Caruaru como bem imaterial da cultura brasileira, realizado pelo IPHAN em 2006, e ações do poder público com vistas à reutilização de algumas edificações para fins culturais parecem ter alavancado a discussão quanto à preservação do acervo arquitetônico de interesse histórico. Este momento coincide com a instalação do primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo do interior de Pernambuco pela Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP), constituindo um fórum de produção de conhecimento relacionado aos municípios da região. Apesar de perdas irrecuperáveis ou mutilações irreversíveis, Caruaru conserva diversas edificações históricas, sobretudo exemplares remanescentes do movimento moderno, de cunho oficial ou institucional, erguidas entre as décadas de 1930 e 1980. Considerando a inexistência de publicações consagradas à história da arquitetura de Caruaru e a ocorrência da primeira turma da disciplina de Arquitetura e Urbanismo no Brasil 2 da FAVIP, este texto inicia o registro sistemático do acervo art déco caruaruense. São mencionadas 16 edificações, demolidas ou conservadas, e aprofundados 4 exemplares notáveis do art déco: a Estação Ferroviária (anos 1940), a Agência dos Correios e Telégrafos (anos 1930), a Igreja do Rosário (1943-1947) e a Rádio Difusora (1951), discutidos em sala com catorze alunos.

Palavras-chave: Art Déco, Caruaru, patrimônio

With 289,000 inhabitants and about 130 km away from Recife, Caruaru is one of the most important cities of the state of Pernambuco and Northeast Region of Brazil. It is a nineteenth-century city and its economy is based on trade and services. Caruaru has been experiencing great economic and territorial growth, that resulted in vertical forms of housing, construction of trade centers and buildings which include new architectural programs. The demolitions of fine residential buildings and occasional experiences of public buildings re-use have occurred, although there is no architectural preservation law in the city. In 2006, IPHAN registered the Feira de Caruaru as a Brazilian intangible cultural asset. It probably have stimulated the discussion on cultural preservation, concerning to architectural assets. At the same time, FAVIP opened the first graduation course on Architecture and Urbanism in the interior of Pernambuco, that is one more public discussion forum. In Caruaru, there are several historical buildings, especially those ones remaining from the Movement of Modern Architecture, despite the irreversible losses and mutilation. There's no publication about the history of architecture in Caruaru, though. So, this paper starts the systematic studies on the art deco architecture of Caruaru based on the work of fourteen students of the discipline of Architecture and Urbanism in Brazil 2 of FAVIP. It briefly refers to approximately 16 buildings, including demolished ones, and emphasizes 4 case studies: the railway station (1940s), the post office (1930s), Rosário Church (1943-1947) and Difusora Radio Station (1951). They are fine expressions of art deco architecture and important landmarks, in despite of the occasional or partial changes.

Keywords: Art Deco, Caruaru, heritage

Comunicação, diversão e oração:
Os espaços do art déco e o patrimônio moderno de Caruaru-PE

1. Introdução

A ampliação do domínio do patrimônio histórico – quadro cronológico, valores atribuídos e dispersão no território – através da valoração da arquitetura civil, rural, industrial e paisagística foi um sintoma do interesse por seu conhecimento e preservação, diversificando os bens da cultura material nos países ocidentais. No Brasil, a tenra idade da produção arquitetônica do movimento moderno, que ainda não completa uma centúria de vida (incluindo o acervo déco espalhado pelo país), lhe reserva uma tímida posição entre os bens do patrimônio material nacional.

O art déco como linguagem arquitetônica é um tema que vem sendo (re)visitado pela historiografia da arquitetura brasileira e objeto de monografias especializadas, como no Recife, São Paulo, Goiânia e, mais recentemente, Florianópolis[1]. O estado de Pernambuco reúne um acervo diversificado numérica e tipologicamente, porém pouco estudado, particularmente no que diz respeito aos exemplares das cidades do interior – mesmo considerando a forte tradição historiográfica do Recife e da escola de arquitetura.

Anotações sobre algumas edificações modernas de Caruaru comparecem em Gomes, Amorim et al (1991), Naslavsky (2001) e Amorim (2003; 2007). A referência mais contundente à arquitetura déco caruaruense, entretanto, parece ser a afirmação do Professor Wolney Unes, que, a certa altura do dossiê de tombamento de Goiânia, chegou a escrever:

> "*Não se pretende aqui querer fazer rivalizar o acervo goianiense com a enorme quantidade de edifícios art déco em Copacabana, no centro de São Paulo ou de Belo Horizonte. Os 147 edifícios art déco identificados no centro de Goiânia em 2000 nem de longe podem concorrer com a enorme quantidade de casas e edifícios naquelas metrópoles. (...)* ***Mesmo passando da esfera das capitais para as médias e pequenas cidades do interior do País, não há em Goiânia nenhum marco do estilo, único e inconfundível, como existem em*** *Manaus (AM), Uruguaiana (RS), João Pessoa (PB), Salvador (BA) ou mesmo* ***Caruaru (PE)***" (grifos nossos)[2].

No plano das políticas públicas, o tombamento federal do acervo goianiense, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2002, é um marco no

---

[1] "Estudo do Protorracionalismo no Recife", trabalho de conclusão de curso de Guilah Naslavsky (1992);
"O art déco na arquitetura paulistana: uma outra face do moderno", dissertação de mestrado de Vitor José Baptista Campos (1996);
"Identidade Art Déco de Goiânia", livro de Wolney Unes (2001);
"O Art Déco e a construção do imaginário moderno: um estudo de linguagem arquitetônica", tese de doutorado de Vitor José Baptista Campos (2003);
"A persistência dos rastros: manifestações do art déco na arquitetura de Florianópolis", dissertação de mestrado de Alice de Oliveira Viana (2008).
O art déco também está presente em "Arquiteturas no Brasil: 1900-1990", de Hugo Segawa (1ª ed. 1998), ao estabelecer uma "Modernidade Pragmática" entre 1922 e 1943, e em "Arquitetura da Modernidade", coletânea organizada por Leonardo Castriota (1998) – capítulo "O 'Estilo Moderno': Arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40", de Leonardo Castriota e Luiz Mauro do Carmo Passos.

[2] GOIÂNIA art déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento. Goiânia: Seplan, 2004, v.1, p. 54-55.

reconhecimento do valor cultural de uma parcela significativa da produção arquitetônica brasileira do século 20[3]. Exemplo seguido pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), ao planejar o tombamento temático das rádios difusoras de Caruaru, Garanhuns, Pesqueira e Limoeiro, representativas da arquitetura déco e da interiorização da radiodifusão no estado.

Por outro lado, a recente implantação do primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo do interior de Pernambuco pela FAVIP representa mais um fórum de discussão e centro de produção de conhecimento relacionado aos municípios da região. Considerando a inexistência de literatura consagrada à história da arquitetura de Caruaru, salvo notas pontuais e informações rarefeitas, e a ocorrência da primeira turma da disciplina de Arquitetura e Urbanismo no Brasil 2 da FAVIP, 6º período, este texto inicia o registro sistemático do acervo arquitetônico caruaruense de interesse histórico-cultural.

São mencionadas 16 edificações, demolidas ou conservadas, e aprofundados 4 exemplares: a Estação Ferroviária (reforma, d. 1940), a Agência dos Correios e Telégrafos (d. 1930), a Igreja do Rosário (1943-1947) e a Rádio Difusora (1951), discutidos em sala de aula com a turma de 14 alunos[4].

Quanto à metodologia, a análise das edificações seguiu um roteiro elaborado especificamente para a disciplina e fornecido aos alunos, considerando a escassez de dados sistematizados e publicações sobre o assunto (Tabela 1). Os alunos também participaram dos procedimentos de coleta de dados: a) pesquisa bibliográfica específica sobre Caruaru e arquitetura art déco; b) levantamento de fontes primárias (escritas e iconográficas) em acervos de Caruaru, incluindo a Prefeitura Municipal, e do Recife[5]; c) obtenção de alguns depoimentos[6]; d) levantamento fotográfico *in loco*.

---

[3] Em 11.12.2002, o IPHAN aprovou a proposta de tombamento do acervo art déco de Goiânia, acatando o parecer terminativo do conselheiro Paulo Bertran With Chaibub.

[4] Lúcio E. F. de Omena, Marcelo Augusto M. Lopes, Simone Santos, Sirone Rodrigues da Silva (Estação Ferroviária); Ana Rebecca F. Nunes, Antônio E. de Araújo Silva e Simone Rangel (Agência dos Correios e Telégrafos); Ada Fabíola de O. Maciel, Ana Lúcia Medeiros, João Batista R. dos Santos, José Silvano O. de Amorim (Igreja do Rosário); Elton Leite Miranda, Janeide Amâncio da Silva e Társia F. Alves da Silva (Rádio Difusora).

[5] A professora, natural de Caruaru, está realizando levantamento documental sobre o acervo arquitetônico (eclético e art déco) e paisagístico de Caruaru. Estão sendo identificados álbuns históricos e iconográficos, dicionários de profissionais ligados à construção civil e obras de referência (índices e anais) no acervo da Biblioteca Almeida Cunha, na 5ª Superintendência Regional do IPHAN, no Recife. A iconografia histórica utilizada neste artigo inclui fotografias coletadas pela FAVIP a partir do funcionamento do curso de Arquitetura e Urbanismo, pelos alunos e pela professora. As fotos atuais foram, em sua maioria, produzidas pela professora durante o primeiro semestre letivo de 2009. O artigo inclui ainda fotos históricas pertencentes ao acervo do fotógrafo e colecionador Carlos Sá, adquiridas pela FAVIP e aqui reproduzidas para fins científicos, com sua anuência.

[6] Registramos nossos agradecimentos aos esclarecimentos e informações verbais fornecidos por alguns familiares, há muito tempo radicados em Caruaru, pela arquiteta caruaruense Ana Renata Santos, pela Professora Guilah Naslavsky e por Carlos Sá.

1. BREVE HISTÓRICO
Data do projeto e/ou data de inauguração
Autoria do projeto
Dados da época da construção (a recepção da sociedade, a festa de inauguração, etc)
Dados da edificação ao longo do tempo (envolvida em alguma questão polêmica, alvo de alguma reforma, mudança de uso, etc)
Dados sobre a mudança de nome da edificação
Possível relação histórica ou formal com demais edificações do estado de PE ou um conjunto tipológico
2. LOCALIZAÇÃO/SITUAÇÃO NA CIDADE
Endereço e situação no entorno e na quadra, área do lote ou gleba
3. ANÁLISE ARQUITETÔNICA
3.1 Implantação no lote ou gleba (existência de recuos e locação do prédio no terreno)
3.2 Gabarito
3.3 Volumetria
3.3.1 Volume único ou jogos prismáticos
3.3.2 Marcação volumétrica das funções
3.4 Planta
3.4.1 Organização do programa
3.4.2 Simetria ou assimetria
3.4.3 Agrupamento funcional ou hierarquia funcional
3.5 Aspectos construtivos
3.5.1 Técnica/material de construção
3.5.2 Expressão plástica da estrutura
3.5.3 Estrutura aparente ou escondida
3.6 Fachadas
3.6.1 Relação entre cheios e vazios
3.6.2 Formato das aberturas
3.6.3 Predominância/Espaçamento das aberturas: vertical (rasgos espaçados) ou horizontal (rasgos contínuos)
3.6.4 Modelo e material das esquadrias
3.6.5 Materiais e cores de revestimento
3.6.6 Ornamentação
3.6.7 Caracteres tipográficos
3.6.8 Outros elementos de composição (brises, marquises, varandas ou balcões, linhas de coroamento, muros, embasamentos, frisos verticais)
3.7 Relação entre planta, fachada e volume
3.8 Pé direito
3.9 Bens integrados (elementos de construção, mobiliário, artes plásticas ou outros, como forros, pisos, esquadrias internas, relógios, bilheterias, móveis, guarda-corpos, luminárias, vitrais, painéis, pinturas ou relevos parietais, elevadores, etc)
3.10 Coberta
3.10.1 Sistema construtivo
3.10.2 Materiais de revestimento

Tabela 1: Roteiro de análise fornecido aos alunos.

2. O desenvolvimento de Caruaru e seu acervo arquitetônico: 1920-1940

Com 289.086 habitantes e distante 130 Km do Recife, Caruaru é uma cidade sesquicentenária e um dos municípios mais importantes do interior de Pernambuco e do Nordeste[7]. Suas principais atividades econômicas são o comércio e os serviços, responsáveis pelo crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) a taxas proporcionalmente mais altas do que Pernambuco e o Nordeste. Seu período de maior dinamismo urbano remonta à chegada da ferrovia, em 1895. A partir de década de 1920, o poder público realizou várias obras infra-estruturais, priorizando a higienização e o embelezamento de Caruaru. Fenômeno generalizado no país durante os primeiros decênios do século 20, exaustivamente referido pela historiografia da cidade e do urbanismo como uma verdadeira "*haussmannisation*" das cidades brasileiras.

Muitas obras de arquitetura e paisagismo foram realizadas em Caruaru, notadamente na gestão do Prefeito Henrique Pinto (1919-1922) e na operosa administração do Prefeito Celso Galvão (1922-1925). Foram construídos o mercado público (1924), o açougue público (d. 1920, demolido), o Cine-Teatro Rio Branco (1923, demolido) e o Posto do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural (demolido) e reformados a sede administrativa da prefeitura (atual palácio episcopal) e a Igreja Matriz de N. Sra. das Dores (demolida), todos seguindo os padrões da arquitetura eclética.

> "*A cidade de Caruaru (...) situada á margem esquerda do Rio Ipojuca, a 557 metros acima do nivel do mar, dista 137 kilometros da Capital do Estado e é uma das mais bellas cidades*

[7] População estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na contagem populacional dos municípios brasileiros de 2007.

do interior de Pernambuco. (...) O seu maior desenvolvimento data de 1895, quando a Estada de Ferro Central de Pernambuco ligou-a ao Recife. De então para cá o seu progresso se tem accentuado com o desenvolvimento sempre crescente da sua vida commercial. Caruaru conta hoje com 52 ruas espaçosas e acceiadas, estando algumas d'ellas arborisadas, importantes edificios, dentre os quaes destacam-se o Palacio do Governo Municipal, (...), a Cadeia Publica, o Mercado de Cereaes, o Mercado de Carnes (Açougue), Uzina Electrica Municipal, Ponte em Cimento Armado, Estação da Estrada de Ferro, além de um Parque com a denominação de 'Dr Sergio Loreto' e dois Jardins Publicos. Conta mais as Egrejas Matriz, Nossa S. da Conceição, Nossa S. do Rozário. (...) O Municipio de Caruarú tem pelo recenseamento de 1920, 61.636 habitantes"[8].

No final da década de 1930, Caruaru já alcançava 69.000 habitantes e 6.000 casas, uma frota de 157 veículos automotores, comunicação com o Recife e demais municípios do interior por estradas de ferro e rodagem, 60 escolas municipais, 9 estaduais e 22 particulares, uma escola superior, duas bandas, associações e clubes sociais, comerciais e esportivos[9]. A agricultura era uma de suas maiores fontes de riqueza, graças ao cultivo de algodão, café, milho, feijão, fumo e mandioca, além do beneficiamento de madeira para construções, do comércio e da indústria, como a do couro, e extração de óleos, farelos e pastas do algodão.

"*Caruarú é o maior centro industrial do interior do Estado. Existem mais de 30 estabelecimentos industriais coletados na cidade (...). Não menos importante é o comércio, com mais de 300 casas coletadas, muitas das quais de acentuado vulto. É considerado um dos mais desenvolvidos do interior, pela sua privilegiada posição de centro importador e exportador de produtos de varios municipios limitrofes, que tambem aqui se abastecem de tecido, ferragens, miudezas e estivas, nos estabelecimentos grossistas. Três feiras se realizam semanalmente na cidade. (...) Caruarú, tem população superior a das capitais de Alagoas, Paraíba, Santa Catarina e Rio Grande do Norte. (...) Espaçosas ruas, praças elegantes, lindas avenidas, jardins floridos, vivendas particulares do mais apurado gosto em estilo moderno e interior luxuosos, edificios públicos suntuosos dão á cidade um aspecto verdadeiramente agradavel. O movimento geral da cidade é intenso e agitado. (...) temos serviço de telefone (...) alfaiatarias, bôas casas de barbeiros e cabeleireiros, duas sorveterias, quatro bem montadas tipografias (...) fabricas de moveis mordenissimos, modistas habilissimas, agencias de automoveis e accessorios*"[10].

Caruaru se firmava como centro financeiro, comercial, industrial e de prestação de serviços para os municípios da região, posição que sustenta até hoje, e seu acervo construído havia se ampliado, em número de edificações e novos programas arquitetônicos.

---

[8] ALBUM Artistico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. Recife: Editado por Manuel Rodriguez Folgueira, 1925, p. 113.
[9] ALBUM Revista de Caruaru. Caruaru, 1937, p. 6-8.
[10] Ibidem, p. 7-8.

3. O acervo art déco de Caruaru

A partir da década de 1930, o art déco chegou a reunir, na cidade, uma quantidade razoável de espaços de comunicação, diversão, oração e educação – a reforma da estação de trem, três cinemas, a agência postal, a escola mais tradicional, rádio, igreja, clube social e associação comercial.

Um conjunto diversificado de edificações oficiais e civis diz da aceitação do estilo, à época sinônimo de modernidade, pela sociedade caruaruense, pelo poder público e instituições conservadoras, como a Igreja Católica. Muitas delas foram, lamentavelmente, demolidas, outras, descaracterizadas e algumas, pouco transformadas, pontual ou parcialmente. Estas conservam maior integridade física e projetual, pois estão mais preservadas do que modificadas, em que pesem a mudança de uso e a modernização das atividades que lhes originaram, em alguns casos.

Os exemplares de Caruaru somam-se a outras edificações em diversos municípios do estado (espaços oficiais, recreativos, religiosos, educacionais e residenciais), testemunhando a difusão e a interiorização do estilo em Pernambuco[11]. A carência de dados sobre essas edificações ou o fato de terem sido demolidas dificulta uma apreciação mais detida quanto aos aspectos arquitetônicos, sendo mais visíveis as características do estilo ligadas à volumetria, implantação do prédio no lote, coberta, fachada e ornamentação externa. Entretanto, muitas características fundamentais do art déco expressam-se na fachada, além de *foyers* e *halls* distribuidores, ricamente trabalhados (Conde e Almada *apud* Unes, 2001, p. 37). A partir desta orientação:

> "*Ao observarmos um edifício art déco, cumpre concentrarmo-nos preferencialmente nos elementos visíveis exteriormente e em seus detalhes; na fachada, inclusive naquelas laterais e posteriores; interiormente nos detalhes e acessórios*"[12].

Como exemplares de transição entre o ecletismo e o modernismo, as construções art déco fazem uso do cimento armado, de marquises e varandas. Contemplam a simplificação da ornamentação e novos jogos volumétricos, o escalonamento, o isolamento dos vizinhos e a valorização de todas as fachadas. A utilização das janelas escotilhas e dos caracteres tipográficos nas fachadas, a dinamização dos volumes e a exploração de curvas, símbolos do progresso e da velocidade trazidos pela era da máquina, conferem-lhe um sentido aerodinâmico e moderno. Por outro lado, a predominância de cheios sobre vazios, as simetrias em planta e fachada, os frisos de coroamento, os embasamentos, o contato com o solo (ausência de pilotis) e a leitura volumétrica em base-corpo-coroamento são atitudes tradicionais.

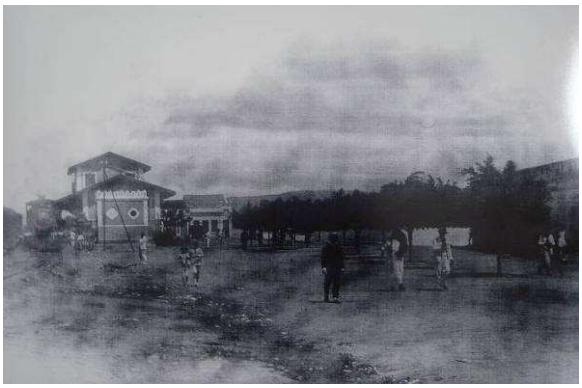
---

[11] Incluem-se neste rol: o Cine-Teatro Caruaru (1939), o Cine-Teatro Santa Rosa e o Cine-Teatro Avenida (provável reforma do Cine-Teatro Rio Branco), a nova sede do Ginásio de Caruaru (1939), a primeira sede do Clube Intermunicipal (1940-1946), a reforma da estação ferroviária (d. 1940) e a Igreja do Rosário (1943-1947), em Caruaru, o Cine Pajeú (1942), em Afogados da Ingazeira, a sede da Prefeitura de Garanhuns ou Palácio Celso Galvão (1943), a Igreja do Cristo Rei (1958), em Pesqueira, as Rádios Difusoras de Caruaru (1951), Garanhuns (1951), Pesqueira (1951) e Limoeiro (1952), algumas Agências dos Correios e Telégrafos (d. 1930), entre outros exemplares da arquitetura civil e oficial.

[12] UNES, Wolney. Identidade Art Déco de Goiânia. São Paulo: Ateliê Editorial: Goiânia: UFG, 2001, p. 37.

3.1 A Estação Ferroviária

A Estação Ferroviária de Caruaru foi inaugurada em 02.12.1895, com a chegada do primeiro trem à cidade, operado pelos ingleses da *Great Western of Brazil Railway Company Limited*. A estação possuía dois pavimentos, sendo um corpo longo, térreo, onde estavam localizados o terminal de embarque e desembarque e a bilheteria, e um volume central superior, à semelhança das camarinhas típicas da arquitetura colonial brasileira, revisitadas pelos mirantes do ecletismo (Figura 1). Os lambrequins, inspirados nas construções européias alpinas e recorrentes nos chalés oitocentistas brasileiros, se não originais, podem ter sido apostos ao edifício pelos idos de 1920 (Figura 2), em plena voga do ecletismo na cidade. Graças ao entorno desnudo e à sua ornamentação, relativamente ao armazém, a estação destacava-se visualmente no leito do sítio ferroviário. Em 1937, o trem ainda era uma das principais formas de comunicação entre Caruaru e o Recife e outros municípios do interior[13].



Figuras 1 e 2: Estação Ferroviária de Caruaru. À esquerda, vista da estação no entorno e presença do trem (acervo Carlos Sá/Favip), à direita, foto do século 20, mostrando a estação e o armazém.

Provavelmente na década de 1940, em data desconhecida, a estação passou por uma ampla reforma ao gosto déco, assumindo muitas características do estilo. Adquiriu imponência na fachada e na volumetria, graças a elementos modernizadores, como uma escadaria monumental, em substituição à singela e primitiva escada, marquise central, janelas basculantes e plataforma de embarque e desembarque com laje em concreto armado (Figuras 3 e 4). E foi ampliada com a remodelação do segundo pavimento. Seu sistema construtivo é a alvenaria de tijolos cerâmicos, revestida por reboco e tinta. A coberta é escondida e possui revestimento em telhas cerâmicas.

A portada de acesso utiliza um recurso recorrente nas edificações oficiais do art déco, como o Pórtico da Exposição do Estado Novo (1938) e duas construções goianienses, o Portal da Exposição da Inauguração da cidade (1942) e o antigo Banco do Brasil, segundo a conhecida aproximação com a “arquitetura totalitária”. A entrada é diferenciada pela marquise e pelo escalonamento provocado pelo jogo de reentrâncias e saliências entre janelas e pilares, que dinamizam a fachada (Figuras 5 e 6). A marcação horizontal no segundo pavimento retém,

[13] ALBUM Revista de Caruaru. Caruaru, 1937, p. 7.

entretanto, os traços arcaicos da bossagem eclética, assim como o aparente tratamento em estuque no teto da plataforma, onde estão as luminárias (Figuras 7 e 8).

Figura 3: Estação Ferroviária de Caruaru, aspecto da entrada (acervo Carlos Sá/Favip).

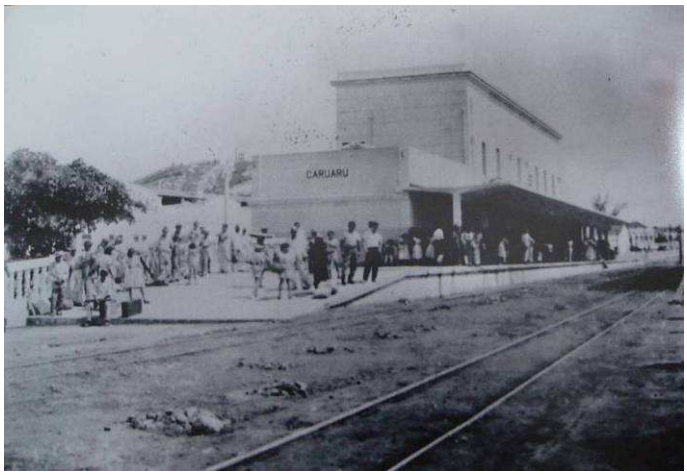


Figura 4: Estação Ferroviária de Caruaru, aspecto da plataforma (acervo Carlos Sá/Favip).

Figura 5: Estação Ferroviária de Caruaru (foto da autora, 2009).

As janelas basculantes inovam no sistema de abertura e na transparência do vidro, distinguindo-se das tradicionais e opacas esquadrias coloniais e mesmo dos vitrais coloridos do ecletismo e

dos antigos caixilhos em madeira, substituídos pela estrutura em ferro (Figuras 3 e 5). Se as esquadrias inovam no modelo, são tradicionais em sua disposição, predominando cheios sobre vazios, graças aos rasgos espaçados, assim como a marcação volumétrica em base-corpo-coroamento, com cornijas estilizadas (Figuras 3 e 5). Este contraste é acentuado pela distinção cromática entre base em tom escuro e corpo em tom suave, artifício típico do art déco (Figuras 3 e 5). Os círculos e retas nos balcões das janelas superiores complementam a tendência geometrizante da fachada (Figura 8). Os pisos e revestimentos incluem ladrilhos hidráulicos, assoalhos e granilite, presente na escadaria, bilheterias, pilares e alvenaria da plataforma (Figuras 5, 9 a 11 e 20).

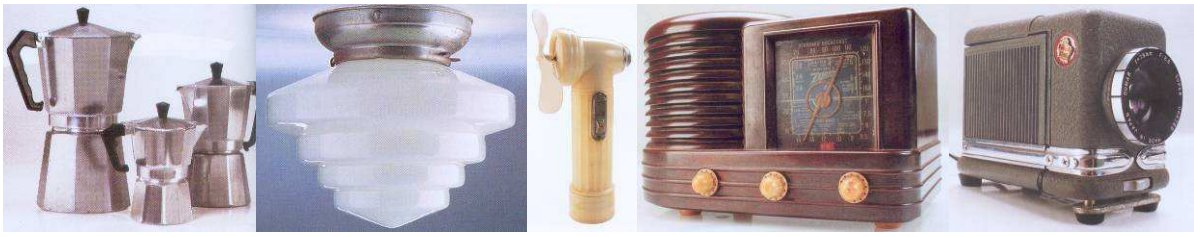
Figuras 6, 7 e 8: Estação Ferroviária de Caruaru (fotos da autora, 2009).

Os frisos verticais justapostos nas bilheterias, idênticos às fachadas laterais do Cine-Teatro de Goiânia (Figuras 9 a 12 e 37), comparecem no *design* industrial de luminárias, pianos, cafeteiras, lanternas, aparelhos de rádio e até retroprojetor (Figuras 13 a 17), segundo o rico panorama de objetos utilitários descortinado por Unes (2001, p. 30-39). Estes frisos e as bilheterias localizadas num volume curvo no *hall* de entrada são componentes da tendência *streamline*[14]. Os caracteres tipográficos da fachada foram outra novidade, indicando que a estação pertencia à então Rede Ferroviária do Nordeste (R.F.N.), além da sinalização nas bilheterias (1ª classe, 2ª classe, telegrama), nome do município, altitude e distância até o Recife (Figuras 3, 5, 9 a 11, 18 e 19).

Figuras 9, 10 e 11: Estação Ferroviária de Caruaru (fotos da autora, 2009).

[14] O *streamline*, que, em inglês, significa “forma aerodinâmica” ou “dar forma aerodinâmica”, “modernizar” e “aperfeiçoar”, é uma das três tendências básicas do art decó. A primeira é a tendência geometrizante, por se aproximar do racionalismo moderno, a segunda, é a decorativa, por enfatizar a riqueza de detalhes, e a terceira, é a aerodinâmica, sinuosa e inspirada no design dos grandes transatlânticos e automóveis velozes, presente nos aparelhos de rádio e eletrodomésticos, com cantos sempre arredondados, segundo classificação de Wolney Unes (2001, p. 34).

Figura 12: Detalhe do Cine-Teatro de Goiânia, projetado por Jorge Félix de Souza e inaugurado em 1942 (*in* Unes, 2001, p. 39).



Figuras 13 a 17: Objetos industrializados segundo a orientação estilística art déco (*in* Unes, 2001, p. 30-39).

A marquise em balanço na fachada voltada para a via pública e o sistema de laje, vigas e pilares da plataforma, na fachada oposta, representam um avanço tecnológico e conferem ares modernos e certo arrojo estrutural, comparativamente à feição predominantemente eclética da cidade nos anos 20 (Figuras 3 a 6 e 20). Atualmente, a estação pertence à União e está sob administração da Prefeitura Municipal de Caruaru, pois abriga, com alguma precariedade, a biblioteca municipal. Conserva as características do estilo e integra o patrimônio cultural pernambucano, segundo tombamento temático realizado pela Fundarpe.

Figuras 18, 19 e 20: Estação Ferroviária de Caruaru (fotos da autora, 2009).

3.2 A Agência dos Correios e Telégrafos

A Agência dos Correios e Telégrafos de Caruaru foi construída por ocasião da reorganização dos serviços postais e telegráficos brasileiros promovida na década de 1930 durante o governo Getúlio Vargas. A Revolução de 1930 provocou inúmeras mudanças na ordem político-institucional do Brasil e redefiniu o papel do Estado e suas relações com a sociedade. Estes dois serviços, aliás,

exerceram notória importância no processo revolucionário, pois “foram cartas e telegramas trocados por líderes revolucionários situados em pontos distantes do país que asseguraram a articulação do movimento”[15].

Na Era Vargas (1930-1945), o governo federal levou a cabo seu projeto de ampla intervenção na vida da sociedade brasileira. Criou ou reorganizou instituições, empresas, conselhos, planos e regulamentações no sentido de estudar, coordenar, disciplinar e incentivar as atividades produtivas. Investiu em setores infra-estruturais – saúde, educação (instrução primária e superior), habitação, tecnologia e nos serviços de comunicação modernos (telegrafia, telefonia e radiodifusão).

Através do Decreto 20.859, de 26.12.1931, os serviços postais e telegráficos foram reunidos em uma repartição única, o Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT). Até então, o serviço postal era operado pelo poder público e o serviço telegráfico era oferecido nas áreas economicamente dinâmicas em parceria com o setor privado[16]. O Estado desejava controlar a ação de gestores e companhias, evitar, no campo da telegrafia, telefonia e radiodifusão, certos monopólios, como os que ocorriam na produção e distribuição de eletricidade, e expandir o serviço telegráfico nas regiões norte, nordeste e sul, onde empresas privadas, nacionais ou estrangeiras, ainda não haviam se firmado[17]. Essa reestruturação estava ligada aos avanços da aviação civil e militar, mas expunha as carências de recursos humanos, espaços físicos e equipamentos nas agências existentes e demandava a elaboração de projetos padronizados que pudessem ser implantados em diferentes pontos do território brasileiro em curto espaço de tempo.

O DCT compreendia 4 diretorias (Correios, Telégrafos, Pessoal e Material), 2 superintendências (Tráfego Postal e Telegráfico) e uma escola de aperfeiçoamento. Em 1932, a Secção de Edifícios da Diretoria de Material desenvolveu 92 estudos e projetos para remodelação e mecanização de antigas sedes ou construções de novas agências[18]. Estas foram classificadas em prédios do tipo I, tipo II, tipo III e tipo especial (I a VIII), compreendendo hibridismos e variações. Os prédios do tipo I, II e III assemelhavam-se a residências urbanas já que, há muito tempo, o serviço dos correios era prestado por um agente postal em sua casa, recebendo uma ajuda de custo. Com a perpetuação desta prática antiga, alguns modelos arquitetônicos comportavam um programa misto de agência e residência. No Nordeste, os projetos começaram a ser executados sob a justificativa de retirar a região do isolamento em relação às áreas administrativas[19]. A construção da agência caruaruense provavelmente iniciou-se por volta de 1932, já que naquele ano estavam

---

[15] PEREIRA, Margareth da Silva. Os Correios e Telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico. São Paulo: MSP: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1999, p. 99.
[16] Ibidem, p. 99.
[17] Ibidem, p. 100.
[18] Ibidem, p. 102-103.
[19] Ibidem, p. 106.

em curso as obras de várias agências pernambucanas, como em Garanhuns, Pesqueira e Petrolina[20].

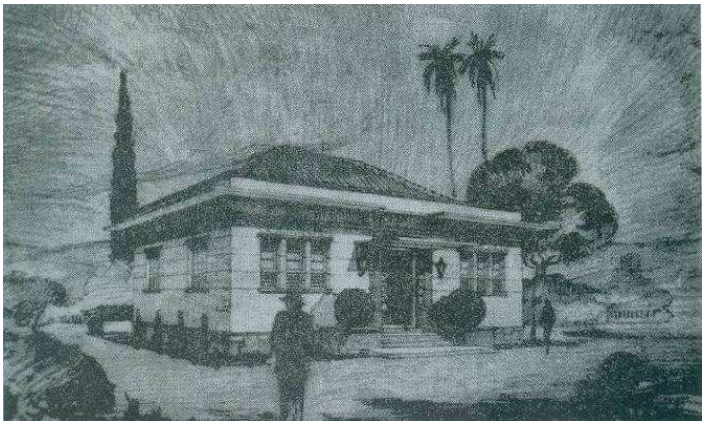


Figura 21: Perspectiva do tipo III de casa para agência postal e telegráfica apresentada em 1932, supostamente implantada em Caruaru (*in* Pereira, 1999, p. 107).

Ou o projeto original (Figura 21) foi remodelado antes de ser reproduzido em Caruaru ou a agência caruaruense foi reformada após ser construída ou outro tipo foi escolhido para o município. Esta última hipótese é bastante aceitável, visto que Caruaru já era o principal município da região agreste de Pernambuco e um dos mais importantes do estado, justificando a escolha de uma agência maior, condizente com o porte da cidade. Sedes iguais a de Caruaru foram erguidas em Palmeira dos Índios-AL, Colatina-ES, Muriaé-MG, Lambari-MG e Cabedelo-PB, segundo a documentação fotográfica apresentada por Pereira (1999, p. 113) (Figuras 22 a 27).

Figuras 22 a 24: Agências dos Correios e Telégrafos de Palmeira dos Índios, Colatina e Muriaé – tipo especial I (*in* Pereira, 1999, p. 113).

Figuras 25 e 26: Agências dos Correios e Telégrafos de Lambari e Cabedelo – tipo especial I (*in* Pereira, 1999, p. 113).

[20] Ibidem, p. 103-106.

Figura 27: Agência dos Correios e Telégrafos de Caruaru (foto da autora, 2009).

A agência de Caruaru está localizada na Rua Martins Júnior, em um terreno de frente e fundos na área central da cidade, cuja estrutura fundiária é antiga, resultando numa implantação tradicional (Figura 27). O prédio ocupa quase todo o lote, com exceção do recuo lateral esquerdo. As plantas baixas (Figuras 28 e 29) mostram recintos e distribuição de atividades tais quais no projeto do tipo I (Garanhuns, Pesqueira e Petrolina). Estas, segundo Pereira (1999, p. 106), possuíam dois pavimentos: agência propriamente dita no térreo (*hall* para atendimento, caixas postais, reembolso, gerência, tesouraria, almoxarifado, arquivos e sanitários) e residência funcional no piso superior (sala, três quartos, cozinha e acesso lateral independente).

Figuras 28 e 29: Plantas baixas da Agência dos Correios e Telégrafos de Caruaru, pavimentos térreo e superior.

Uma escada interna estabelece a ligação entre os dois pavimentos e as três salas atuais no piso superior provavelmente correspondem, na planta original, aos três quartos da residência funcional. O recuo lateral esquerdo está ligado à necessidade de uma entrada e saída de serviços

independente do acesso central, considerando um fluxo postal razoável, ou a uma primitiva conexão direta entre a rua e a residência, como ocorria nas agências do tipo I.

Na agência de Caruaru estão presentes diversos elementos déco, como os caracteres tipográficos na fachada, comumente executados em argamassa, volumetria em base-corpo-coroamento e distinção cromática entre a base e o corpo do edifício, cornijas estilizadas, varanda central e marquise, marcando a entrada principal. Há um leve avanço do corpo central em relação à fachada frontal, delimitado por frisos verticais que formam um pórtico (Figuras 27 e 30). A agência possui coberta com revestimento em telhas cerâmicas, cuja cumeeira está escondida, e esquadrias venezianas em madeira, tradicionais em material e modelo (Figuras 27 e 30). O prédio aproxima-se da feição neocolonial originalmente concebida para as sedes do tipo III. Agências semelhantes construídas em Minas Gerais, Espírito Santo, Paraíba e Alagoas (Figuras 22 a 26) ora possuem esquadrias venezianas, ora janelas basculantes, com ferro e vidro, mais transparentes e modernas, caracterizando uma pequena variação de um mesmo tipo.

Figuras 30 e 31: Agência dos Correios e Telégrafos de Caruaru (fotos da autora, 2009).

A orientação colonial foi abandonada em detrimento da feição déco, inúmeras vezes requisitada nos anos 30 e 40 como imagem compatível com a idéia de modernidade propalada pelo Estado. A opção pelo projeto do tipo especial I deve ter sido motivada por razões de ordem administrativa e operacional. Em 1937, figuravam entre os principais prédios e logradouros públicos da cidade:

> "*O airoso palacete do Governo Municipal,* ***o edificio dos Correios e Telegrafos****, o Açougue Publico, O Mercado, O Matadouro, Jardim Siqueira Campos, Praças da Saudade, Governador José Bezerra e Juvencio Mariz, Parque João Pessoa, Reservatorios do Abastecimento Dagua, Edificio do expurgo de caroços de algodão e Hospital São Sebastião"*[21] (grifos nossos).

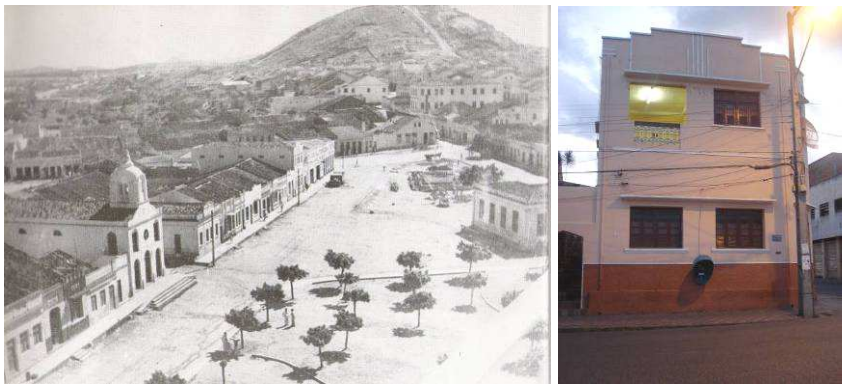
As agências dos Correios e Telégrafos são um marco da "cultura contemporânea, caracterizada pela circulação sem fronteiras de homens, idéias, informações e produtos, o que faria da área das

[21] ALBUM Revista de Caruaru. Caruaru, 1937, p. 8.

comunicações um de seus mais indispensáveis pilares"[22]. O processo de implantação de inúmeras agências no território brasileiro nas décadas de 1930 e 1940 almejava a racionalização de um serviço estratégico, fundamentado no programa desenvolvimentista brasileiro. Este projeto de expansão governamental acabou por gerar peculiares exemplares da modernidade arquitetônica em muitas cidades pequenas e médias do país, além das capitais, pouco comentados nas narrativas sobre a história da arquitetura brasileira. A sede de Caruaru contém alterações no espaço interno, no revestimento da fachada frontal e na volumetria, graças à inadequada aplicação de cerâmica a meia altura da parede e a uma rampa com inclinação moderada (Figuras 27 e 31).

3.3 A Igreja do Rosário

Localizada em frente à Praça Getúlio Vargas, popularmente chamada de Praça do Rosário, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário foi erguida em substituição à antiga igreja da Paróquia do Rosário. A primitiva igreja era um templo pequeno e modesto, construído provavelmente em 1921 (Figura 32) em terreno adjacente à praça, onde hoje funciona a Casa Paroquial (Figura 33). A Praça do Rosário chamava-se Parque Sérgio Loreto na época de sua inauguração, ocorrida em 16.11.1924. O parque inaugurou um espaço de lazer e sociabilidade, valorizando o entorno e contribuindo para a higienização e o embelezamento da cidade, graças à sua vasta arborização, passeios e coreto em cimento armado, resultado do trabalho conjunto do Prefeito Celso Galvão e do Governador Sérgio Loreto.



Figuras 32 e 33: Antigo Parque Sérgio Loreto e Igreja do Rosário, à esquerda, demolida; atual Casa Paroquial, construída em seu local (foto da autora, 2009).

Mais tarde, possivelmente nos anos 1930, o parque passou a ser chamado de Parque João Pessoa, em distinção ao vice-presidente do Brasil no governo de Getúlio Vargas, nome com o qual foi rebatizado. Na iconografia posterior aos anos de 1940 a praça aparece modificada, com novos bancos e traçado. É possível que tenha sofrido uma reforma completa em meados daquela

---

[22] PEREIRA, Margareth da Silva. Os Correios e Telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico. São Paulo: MSP: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1999, p. 16.

década por ocasião da construção da nova Igreja do Rosário, como se deduz dos livros de tombo da Paróquia, assinado pelo então pároco, Cônego Adalberto Gomes Damasceno, em 17.12.1947.

> "*No local designado pela Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado, de acordo com* ***a nova planta da futura Praça****, com a devida licença do Exmo. Arcebispo D. Miguel de Lima Valverde, coloquei a* ***primeira pedra da nova Matriz do Rosário****, aos* ***25 de dezembro de 1943****. Foi bem solene a cerimônia da benção da primeira pedra. Grande multidão compareceu a esta solenidade. Falei ao povo dizendo da minha confiança na Providência Divina, na proteção da Mãe de Deus e na cooperação de todos os caruaruenses*"[23] (grifos nossos).

Após o lançamento da pedra fundamental, em 1943, a obra, transcorrida em tempos de Segunda Guerra Mundial, foi concluída em agosto de 1946 e inaugurada em 1947 (Figura 34). O projeto da igreja é de autoria do engenheiro Gilvan Acioli, os cálculos, do engenheiro Oscar Ferreira e a obra foi assistida pelo Mestre Rodolfo Vasconcelos, responsável por importantes prédios ecléticos na cidade na década de 1920, como o mercado e o açougue públicos, a Villa Condé, pertencente a José Condé, e a residência e o consultório do Dr. Silva Filho, filhos ilustres de Caruaru[24].

> "*A* ***planta*** *do novo Templo foi de autoria do* ***Engenheiro Gilvan Acioli****. Os* ***cálculos para cimento armado****, das diversas placas existentes foram feitos pelo* ***Engenheiro Oscar Ferreira****. Os trabalhos tiveram a* ***assistência técnica do mestre Rodolfo Vasconcelos****. (...)* ***Os primeiros trabalhos tiveram início em janeiro de 1944****, quando foram organizadas romarias para o transporte de pedras para os alicerces da referida matriz. A época da construção foi a mais difícil, em plena guerra. Todo material subiu escandalosamente de preço. O entusiasmo, a boa vontade, a dedicação, o interesse do povo todo desta cidade, sobretudo dos paroquianos tudo suplantaram. Organizaram-se leilões, feiras, barracas, rifas, festivais para aquisição de dinheiro. (...) A proteção da Virgem do Rosário manifestava-se visivelmente. (...)* ***Em agosto de 1946 estava terminado o trabalho da construção****. Não foi logo inaugurada esperando chegassem os sinos, o mobiliário e diversos outros objetos encomendados, muitos dos quais (...) somente chegaram depois da inauguração, marcada afinal para que não se esperasse tanto tempo*"[25](grifos nossos).

---

[23] LIVRO de tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da Diocese de Caruaru. Caruaru: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, 18.01.1942 a 1981, fls. 13-14.

[24] O Dr. Adolfo Silva Filho (1889-1954), embora natural do Recife, trabalhou intensamente pelo desenvolvimento de Caruaru e pelo bem-estar de sua população. Formou-se em 1914 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Médico, Higienista, Cientista, homem e profissional notável, foi um dos fundadores do Hospital de Caruaru (Hospital São Sebastião), atuou na construção do Cassino Caruaruense, do Clube Intermunicipal de Caruaru e do Rotary Clube de Caruaru. Assumiu vários cargos na saúde pública e introduziu serviços pioneiros, foi professor da Escola de Odontologia e Farmácia de Caruaru e chegou a ser nomeado prefeito do município em 1935. Mais detalhes da biografia do Dr. Silva Filho constam em BARBALHO, Nelson. Caruru, Caruaru: Nótulas subsidiárias para a História do Agreste de Pernambuco. Recife: Editora Universitária, 1972, p. 127-141.

[25] LIVRO de tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da Diocese de Caruaru. Caruaru: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, 18.01.1942 a 1981, fls. 13-14.

Figura 34: Igreja do Rosário no ano da inauguração, em 1947 (acervo Carlos Sá/Favip).

A igreja está implantada no centro de um terreno de esquina, triangular, o que lhe permitiu o tratamento arquitetônico de todas as fachadas, apesar da simetria flagrante em planta e volumetria (Figuras 34 a 36). São traços arcaicos a planta clássica em cruz latina, formada por nave única e transepto, o predomínio dos cheios sobre vazios e a coberta em estrutura de madeira e revestimento em telhas cerâmicas, porém escondida pelo friso de coroamento superior (Figuras 34 e 35). Após a nave, localizam-se o presbitério e o altar-mor e, posteriormente, a sacristia no térreo e um depósito e sanitário no pavimento superior, no espaço que comumente corresponde ao consistório nas igrejas coloniais brasileiras. Logo após a entrada, no pavimento superior, está o coro, para os cantores. A distribuição espacial está de acordo com a tradição que marcou profundamente a construção de igrejas desde o início do Cristianismo.

Figuras 35 e 36: Igreja do Rosário (acervo Carlos Sá/Favip).

Vista de lado, a igreja filia-se ao contemporâneo Cine-Teatro de Goiânia (1942), lembrando um transatlântico ancorado, em inequívoca referência à era da máquina, ao *design* de produtos industrializados, ao progresso e à velocidade, símbolos da sociedade do século 20 (Figuras 37 e 38). Estas características são visíveis na volumetria, no contraste entre a horizontalidade do corpo do edifício e a verticalidade da torre, nos cantos arredondados e na repetição das janelas

escotilhas, seguindo a tendência *streamline*. A seqüência base-corpo-coroamento e a distinção cromática provocada pelo jogo escuro-claro entre embasamento e corpo também lhe aproximam do teatro.

Figuras 37 e 38: Cine-Teatro de Goiânia (*in* Unes, 2001, p. 91); Igreja do Rosário (foto João Batista, 2009).

O escalonamento criado pelas reentrâncias e saliências, frisos e volumes prismáticos no frontispício e a centralidade da torre assemelham-se ao jogo volumétrico da Igreja e Colégio Ateneu Dom Bosco, em Goiânia. A Igreja do Rosário é complementada pelo relógio integrado, ao passo que o belvedere é um resquício da arquitetura eclética, que muito utilizou torreões e mirantes. As aberturas cruciformes nas fachadas frontal e posterior e os rasgos laterais fogem aos formatos tradicionais e dinamizam a massa edificada, onde está aparente a tubulação de drenagem pluvial. O sistema construtivo é composto por alvenaria de tijolos cerâmicos e estrutura em concreto armado. O forro original em estuque foi substituído por outro em PVC e o piso é em granilite. A edificação possui revestimento em reboco, pintado em tons de rosa e branco.

A adoção de um estilo arquitetônico novo pela Arquidiocese de Olinda e Recife e a reunião de três profissionais em torno da mesma obra – projetista, calculista e mestre construtor – são fatos relevantes, que demonstram a importância atribuída à edificação, muito mais imponente do que o antigo templo, refinamento artístico e critério na execução do projeto[26]. A Igreja do Rosário reúne as principais características do estilo, que a transformam num exemplar notável do art déco e marco inconfundível do estilo, legitimando a afirmação do Professor Wolney Unes. Em geral, conserva as características arquitetônicas definidas na década de 1940.

3.4 A Rádio Difusora

No século 20, a rádio introduziu-se no centro da vida familiar e aumentou a penetração da informação e do entretenimento nos lares brasileiros. Equipamento de comunicação e diversão, sediou festivais, rádionovelas, programas de auditório e apresentações musicais e realizou a magia de fazer ouvir a própria voz. Veículo de difusão da cultura local, de transmissões esportivas e formação de opinião pública. Em 1948, em meio à confusão estabelecida com o fim do Estado

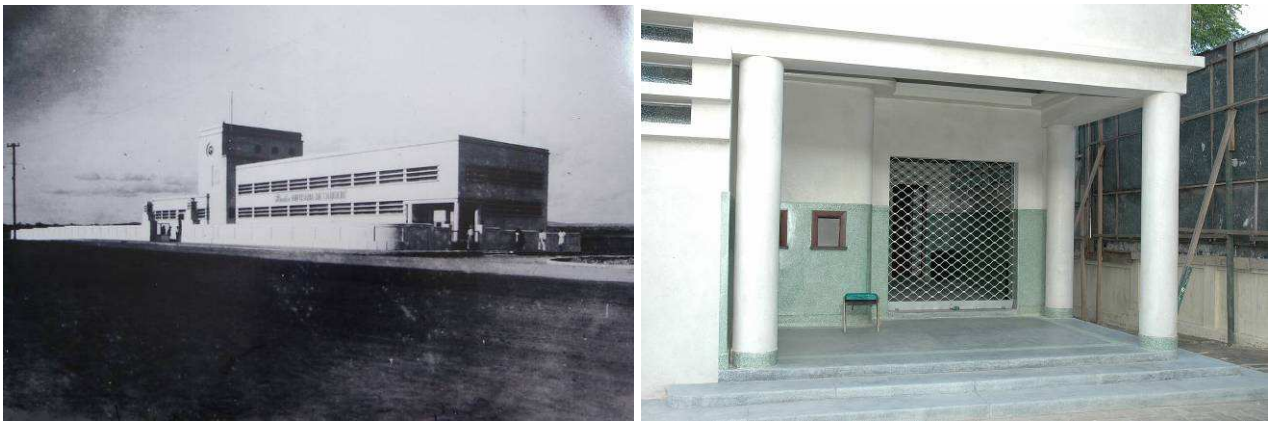
---

[26] A Diocese de Caruaru foi criada em 07.08.1948, desmembrada da Arquidiocese de Olinda e Recife, cujo arcebispo, à época, era Dom Miguel de Lima Valverde, que concedeu licença para a construção da Igreja do Rosário.

Novo, F. Pessoa de Queiroz fez “Pernambuco falar para o mundo”, ao inaugurar a pioneira Rádio Jornal do Commercio no Recife (Figura 39). Mais tarde, interiorizou a radiodifusão ao instalar as rádios difusoras de Caruaru (1951), Garanhuns (1951), Pesqueira (1951) e Limoeiro (1952), alterando o cotidiano nessas cidades (Figuras 40 a 42).

Figuras 39 a 42: Rádio Jornal do Commercio do Recife (*in* Amorim, 2007, p. 98) e Rádios Difusoras de Garanhuns (foto da autora, 2005), Pesqueira (Foto André Oliveira, 2009) e Limoeiro (Foto Dayanne Azevedo, 2009).

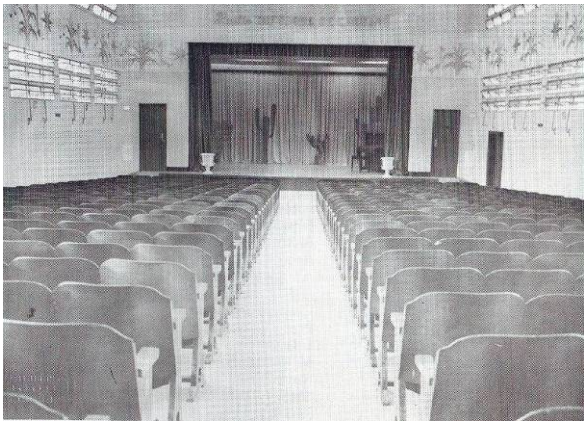
Em 06.09.1951 foi inaugurada a Rádio Difusora de Caruaru. Segundo Naslavsky (2001), seu provável autor é o engenheiro Jorge Martins, titular da construtora homônima, que teria desenvolvido o projeto na década de 1940, entre inúmeras incursões nos estilos e tendências vigentes, como o art déco e o neocolonial. O complexo incluía auditório, estúdios e transmissores, implantados em uma gleba afastada do centro da cidade. Tudo delimitado por um muro externo, que faz as vezes de miniatura do pórtico da inauguração de Goiânia (Figuras 43 a 46).



Figuras 43 e 44: Rádio Difusora de Caruaru à época da inauguração (acervo Carlos Sá/Favip) e atualmente (acervo da Rádio).

Solta no terreno, a edificação foi ricamente valorizada em todas as fachadas. Sua arquitetura repete elementos utilizados na Igreja do Rosário à moda *streamline*. Possui cantos arredondados, assimetrias na planta baixa, na fachada e nos volumes prismáticos, elementos escalonados e rasgos e brises em argamassa de cimento contínuos (Figuras 43, 45, 48 e 49). A seqüência de três janelas escotilhas no volume vertical, as janelas basculantes contínuas no volume horizontal e os caracteres tipográficos na fachada e no auditório são marcas indeléveis do art déco e exprimem a velocidade das máquinas náuticas e aéreas e o frescor dos tempos modernos

(Figuras 43, 45, 48 e 49). A coberta revestida por telhas de fibrocimento está escondida pelas fachadas, coroadas por cornijas estilizadas.



Figuras 45 e 46: Rádio Difusora de Caruaru (acervo Carlos Sá/Favip) e seu auditório (acervo da Rádio).

Entre os bens integrados estão um relógio e a efígie de um índio, símbolo do Jornal do Commercio e de identificação nacional, na fachada frontal, e relevos escultóricos no auditório, expressivos elementos ornamentais que retratam motivos regionais (Figuras 47 e 49). Os relevos reproduzem a cana-de-acúçar, notas musicais e cactos, flora característica do sertão, também plantada nos jardins externos (Figuras 46 a 48). O cacto é marcante na paisagem do agreste, região geográfica de transição entre o litoral, a zona da marta e o sertão.

Figuras 47 a 49: Rádio Difusora de Caruaru (acervo da Rádio e foto da autora, 2009).

Com a expansão da cidade ao longo das últimas cinco décadas, o centro conurbou-se com a área da rádio, localizada na Av. Agamenon Magalhães. Atualmente, a rádio pertence ao Sistema JC de Comunicação e divide seu imenso terreno com o novo Shopping Difusora, um complexo de comércio e serviços, que totaliza 46.000 m² de área construída e compreende lojas, hotel, salas de escritórios e clínicas e quatro pisos para estacionamento de veículos, segundo projeto do arquiteto Fernando Guerra[27]. Mesmo com as obras inacabadas, o empreendimento foi inaugurado no último dia 28 de maio. A rádio foi recuperada e convertida num espaço de convenções, mas seu muro foi derrubado.

---

[27] SHOPPING Difusora abre as portas em Caruaru, Diario de Pernambuco, Economia, Recife, 29 mai. 2009, B 3.
AMORIM, Luiz. Obituário Arquitetônico: Pernambuco Modernista. Recife: O autor, 2007, p. 64.

4. Considerações finais

Nos últimos dez anos, Caruaru vem experimentando grande crescimento econômico e territorial, ocasionando o adensamento construtivo, verticalização dos padrões de moradia e construção de centros comerciais e empresariais. Numerosas casas e sobrados dos séculos 19 e 20 foram demolidas ou inadequadamente adaptadas e já se torna recorrente a demolição de bons exemplares de arquitetura residencial. Entretanto, o registro da Feira de Caruaru como bem imaterial da cultura brasileira, realizado em 2006 pelo IPHAN, e a reutilização de alguns equipamentos públicos para fins culturais sinalizam o momento oportuno para a elaboração de uma lei de proteção do patrimônio arquitetônico, entre outras ações. Portanto, ***a médio e longo prazo***, este trabalho encerra quatro objetivos:

Do ponto de vista ***científico*****,** pretende diminuir a enorme lacuna na literatura sobre a história da arquitetura nas cidades do interior de Pernambuco e impulsionar a produção de conhecimento específico sobre o acervo caruaruense. Como gesto inaugural, a construção do artigo se deparou com as limitações relativas à exigüidade de fontes primárias, o estabelecimento de um recorte reduzido e mesmo a timidez na abordagem dos conteúdos programáticos, materiais e cores de revestimento originais das edificações e dificuldade na identificação da autoria dos projetos, destacando-se, contudo, o ineditismo dos dados reunidos e dos fatos relatados.

Do ponto de vista ***acadêmico*** **e** ***pedagógico***, se propõe a fomentar a produção de conhecimento historiográfico no processo de graduação em Arquitetura e Urbanismo, contribuir para a formação crítica dos alunos e para a fundamentação das disciplinas subseqüentes “Arquitetura Contemporânea” (7º período) e “Crítica da Arquitetura” (8º período), das disciplinas ligadas à conservação urbana – “Técnicas Retrospectivas” (8º período) e “Intervenções em Sítios e Monumentos Históricos” (9º período) – e o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso.

Do ponto de vista ***profissional***, pretende estimular a formação técnica dos alunos com base em sua realidade local, no momento em que ocorrem as primeiras iniciativas de preservação cultural em Caruaru, após o registro da Feira. Este objetivo coaduna-se com o atual processo de interiorização das políticas culturais no estado de Pernambuco – inventários, tombamentos, restaurações, difusão e educação patrimonial – e conseqüente necessidade de formação de quadros profissionais para a atuação no campo da preservação do patrimônio cultural.

Do ponto de vista ***social*** **e** ***cultural***, enseja divulgar a história da arquitetura de Caruaru para o público geral, apreciadores do passado da cidade, gestores, professores e estudantes e contribuir para o desenvolvimento de ações de preservação cultural no município e região circunvizinha.

Por um lado, há a intenção de continuar essa atividade nos próximos semestres na graduação, com vistas à expansão do recorte espacial da pesquisa, acolhendo o acervo de outros municípios, sobretudo do agreste pernambucano, como Garanhuns, Pesqueira e Limoeiro. E, por outro,

ampliar o recorte cronológico e tipológico, incluindo a produção arquitetônica eclética e modernista e o acervo paisagístico de Caruaru, à espera dos pesquisadores.

5. Bibliografia

ALBUM Artistico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. Recife: Editado por Manuel Rodriguez Folgueira, 1925.

ALBUM Revista de Caruaru. Caruaru, 1937.

AMORIM, Luiz. Obituário Arquitetônico: Pernambuco Modernista. Recife: O autor, 2007.

_____. Arquitetura. In: ROSEMBERG, André (Org.). Pernambuco: 5 décadas de arte, 1950-2000. Recife: Quadro Publicidade e Design, 2003.

ANAIS do 5º Seminário Docomomo Brasil. Arquitetura e Urbanismo Modernos: Projeto e Preservação. São Carlos: Universidade de São Paulo, 2003. (CD-ROM).

ANAIS do 6º Seminário Docomomo Brasil. Moderno e Nacional: Arquitetura e Urbanismo. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2005. (CD-ROM).

ANAIS do 7º Seminário Docomomo Brasil. O moderno já passado, o passado no moderno: reciclagem, requalificação, rearquitetura. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. (CD-ROM).

ANAIS do Seminário Latino-Americano: Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (CD-ROM).

BARBALHO, Nelson. Caruru, Caruaru: Nótulas subsidiárias para a História do Agreste de Pernambuco. Recife: Editora Universitária, 1972.

BERNARDES, Denis; SILVA, Aline de Figueirôa; LORETTO, Rosane Piccolo; CASTRO, Augusto. Arquitetura oficial de Alagoas: um registro documental, 1934-1940. In: Anais do Seminário Latino-Americano: Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (CD-ROM).

BICCA, Briane E. P.; BICCA, Paulo R. S (Org.). Arquitetura na formação do Brasil. Brasília: UNESCO: IPHAN, 2008.

BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CAMISASSA, Maria Marta dos Santos. A Produção Intelectual Brasileira nos Seminários Nacionais do DOCOMOMO (1995-2001) e a Preservação dos Exemplares da Arquitetura Moderna Brasileira. 2003. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/seminario5mesatematica03.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2008.

CASTRIOTA, Leonardo Barci; PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. O “Estilo Moderno”: Arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.). Arquitetura da Modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CONDE, Luiz Paulo. Anônimo, mas fascinante: Protomodernismo em Copacabana. AU, p. 68-75, n. 16, 1988.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. Dicionário da Arquitetura Brasileira. São Paulo: Edart, 1972.

DINIZ, Fernando (Org.). Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade. Recife: FASA, 2007.

FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOIÂNIA art déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento. Goiânia: Seplan, 2004, v.1 a 3.

GOMES, Geraldo. Marcos da arquitetura moderna em Pernambuco. In: SEGAWA, Hugo (Org.). Arquiteturas no Brasil: anos 80. São Paulo: Projeto, 1988.

GOMES, Geraldo; AMORIM; Luiz et al. Delfim Amorim – arquiteto. 2. ed. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil, 1991.

JÚNIOR, Menelau. Caruaru em Vanguarda, 1932-2007: 75 anos de registro da história da cidade. Caruaru: Vanguarda, 2007.

LIVRO de tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da Diocese de Caruaru. Caruaru: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, 18.01.1942 a 1981.

NASLAVSKY, Guilah. Estudo do Protorracionalismo no Recife. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1992.

_____. Modernidade Arquitetônica no Recife: Arte, Técnica e Arquitetura, de 1920 a 1950. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
_____. Parecer arquitetônico sobre a Rádio Difusora de Caruaru, 2001.
PEREIRA, Margareth da Silva. Os Correios e Telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico. São Paulo: MSP: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1999.
PERNAMBUCO Moderno. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2006. (Catálogo de Exposição).
PRÉDIOS se destacam em Garanhuns, Jornal do Commercio, Cidades, Recife, 7 nov. 2004.
REBÊLO, Paulo. Disputa pelo cinema Pajeú. Diario de Pernambuco, Viver, p. 1, 26 abr. 2009.
SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1999.
SHOPPING Difusora abre as portas em Caruaru, Diario de Pernambuco, Economia, Recife, 29 mai. 2009.
UNES, Wolney. Identidade Art Déco de Goiânia. São Paulo: Ateliê Editorial: Goiânia: UFG, 2001.
VIEIRA, Edmilson. Flagrantes do Art Déco Nordestino. In: www.vivercidades.org.br. Acesso em: 18 fev. 2009.